

CRISTIANISMO E *NEW AGE*

**Prof. Doutor D. Manuel Clemente
(Bispo Auxiliar de Lisboa / Universidade Católica)**

Os primeiros tempos cristãos são conhecidos como “era dos mártires” e realmente foram muitos os que deram a vida pela sua fé em todo o Império Romano. Mas não foi menor o repto lançado ao Cristianismo pela Gnose, que então seduzia muitos, mesmo no âmbito eclesial. As comunidades cristãs resistiram em geral, em torno do essencial da mensagem evangélica: na humanidade de Cristo, Deus faz sua e salva verdadeiramente a materialidade de cada um e do próprio mundo. A Gnose desvalorizava a matéria, procurando exactamente o contrário, ou seja, o modo de nos exirmos ao corpo e ao mundo para retornarmos, como puro espírito, à realidade única de que tragicamente teríamos sido separados. Esta apetência regressa – insinuante ou ostensivamente – na actual Nova Era (*New Age*), tão contrária à definição confessional precisa, como pouco sensível à assunção da vida como caminho pessoal e interpessoal, sem sincretismo nem osmose.

Falando em Março de 2003, na apresentação dum documento da Santa Sé sobre a *New Age*, o cardeal Paul Poupard apurava três motivos maiores da transformação “espiritual” contemporânea. Em primeiro lugar, uma alegada insatisfação relativa às respostas religiosas tradicionais; seguidamente, alguma recuperação neopagã; por fim, a abertura às religiões e sabedorias orientais. Em 1960, o musical *Hair* já anunciava estarmos perto da era do Aquário, com uma religião mais genérica e englobante, com uma humanidade menos contrastada e quase andrógina¹.

¹ Cf. Cardeal Paul Poupard – *Apresentação de um documento sobre a “New Age”*. 3 de Fevereiro de 2003. In *L’Osservatore Romano*, ed. port., 1 de Março de 2003, p. 11: “Ao que parece, na origem desta transformação [pró *New Age*] existem três motivos diferentes. O primeiro consiste na sensação de que as religiões tradicionais ou institucionais não podem dar aquilo que outrora se afirmava que podiam oferecer. Na sua visão do mundo, algumas pessoas não conseguem nem sequer encontrar espaço para acreditar num Deus transcendente pessoal, e a experiência pessoal de muitos indivíduos levou-os a perguntar se este Deus tem o poder de realizar transformações neste mundo, ou até mesmo se Ele existe. [...] Há outro motivo para explicar uma certa inquietude e uma determinada rejeição da Igreja tradicional. [...] A complexa série de fenómenos, conhecidos com o termo de religiões ‘neopagãs’, revela a necessidade, sentida por algumas pessoas, de inventar novos modos de ‘contra-atacar’ o cristianismo e voltar a uma forma mais autêntica de religião, mais intimamente ligada à natureza e à terra. [...] O terceiro motivo [...] deriva de uma crescente obsessão na cultura ocidental, pelas religiões orientais e os caminhos da sabedoria. [...] O espírito desta nova religião universal é explicado mais claramente, de maneira muito popular, no ‘musical’ *Hair* (1960) quando, ao público do mundo inteiro, se disse que ‘esta é a aurora da Era do Aquário’ [...]. Em termos astrológicos, a Era dos Peixes foi identificada com o período em que o cristianismo teria predominado, mas esta Era, ao que parece, deveria terminar depressa para dar lugar à Era do Aquário, quando o cristianismo perderia a sua influência, abrindo caminho para uma religião universal [...]. O modo de pensar das pessoas seria transformado completamente e já não existiriam as antigas divisões entre homens e mulheres. Os seres humanos deveriam ser sistematicamente chamados a assumir uma forma de vida andrógina, em que ambos os hemisférios do cérebro são oportunamente utilizados de forma harmónica, e não divididos, como agora”.

O cardeal apresentava um documento sobre a *New Age*, intitulado *Jesus Cristo, portador da água viva. Uma reflexão cristã sobre a 'Nova Era'*. Neste mesmo se constata estarem em jogo dois factores distintos, um metafísico e outro psicológico. O primeiro revela-se como neognose: “Acede-se ao divino, desvendando mistérios escondidos, graças à busca do indivíduo, do ‘real por detrás do que é apenas aparente. [...] da divindade cósmica independentemente do indivíduo incarnado’”. O segundo reduz a uma transformação psíquica o que antes se considerava do foro religioso propriamente dito. No fim se poderá “perceber a unidade da realidade”...²

Jean Vernet, reputado analista católico da *New Age*, salienta que “a primazia dada à intensidade do vivido, ao emocional, abre então a via para acolher toda a religião que afirma procurar um contacto directo com o ‘além’, a toda a prática que se põe em contacto com a Consciência universal englobante e divina”. Dentro da mesma ordem de ideias e pressentimentos, “Deus é identificado com o processo de evolução desta Consciência. E o homem reconhecer-se-á mais como fragmento da Consciência divina, de modo a adquirir uma consciência interior e afim da sua divindade”³.

Sendo a individualidade aparência, fácil é concluir que a constelação *New Age* se une afinal em torno dalguns tópicos determinantes: primado da experiência pessoal, ainda que na pluralidade das suas vias; sentimento holístico duma energia única no cosmo e na humanidade, em todos os patamares do real; aceitação e abertura a todos os seres; secundarização da razão e da técnica modernas, face à evolução interior que, essa sim, transformará a sociedade⁴.

² Cf. Conselho Pontifício da Cultura. Conselho Pontifício para o Diálogo Inter-Religioso – *Jesus Cristo, portador da água viva. Uma reflexão cristã sobre a “Nova Era”*. Lisboa: Paulinas, 2003, p. 52-53: “Esta espiritualidade consta de dois elementos distintos: um metafísico e o outro psicológico. A componente metafísica deriva das raízes esotéricas e teosóficas da *Nova Era* e fundamentalmente é uma nova forma de gnose. Acede-se ao divino, desvendando mistérios escondidos, graças à busca do indivíduo, do ‘real por detrás do que é apenas aparente, [...] da divindade cósmica independentemente do indivíduo incarnado’. A espiritualidade esotérica ‘é uma procura do Ser independentemente da separação dos seres, uma espécie de nostalgia da unidade perdida. [...] Jesus de Nazaré não é Deus, mas uma das numerosas manifestações do Cristo universal e cósmico’ (Jean Vernet). A componente *psicológica* deste tipo de espiritualidade nasce do encontro entre a cultura esotérica e a psicologia. Por isso, a *Nova Era* torna-se uma experiência de transformação psicoespiritual pessoal, considerada análoga à experiência religiosa. Para alguns, esta transformação assume a forma de uma profunda experiência mística que sobrevém a uma crise pessoal ou a uma longa busca espiritual. Para outros, dimana da prática da meditação ou de qualquer tipo de terapia ou ainda da experiências paranormais que alteram os estádios de consciência e permitam perceber a unidade da realidade”.

³ Cf. Jean Vernet – “*New Age*”. Mem Martins: Publicações Europa – América, 1995, p. 17: “A primazia dada à intensidade do vivido, ao emocional, abre então a via para acolher toda a religião que afirma procurar um contacto directo com o ‘além’, a toda a prática que se põe em contacto com a Consciência universal englobante e divina. [...] Deus é identificado com o processo de evolução desta Consciência. E o homem reconhecer-se-á mais como fragmento da Consciência divina, de modo a adquirir uma consciência interior e afim da sua divindade. Não terá mais necessidade de procurar Deus no exterior do mundo, pois Ele não é transcendente mas está no interior do eu. Assim surgiria, derradeira mudança de paradigma, o homem novo, que não se preocupa em agir baseado nas estruturas sociais e políticas para as transformar, mas antes em se virar para o interior de si próprio e transformar a sua consciência. A ‘viagem ao interior’ é o *leitmotiv* da Era nova”.

Novamente deparamos com a herança gnóstica, a desvalorização da história e a diluição de cada particularidade dum tempo, figura ou instituição, religiosos que fossem. Jesus de Nazaré, especialmente, não passaria de “uma das das numerosas manifestações históricas do Cristo cósmico e universal”⁵.

Aldo Natale Terrin, especialista italiano de história das religiões, encontra na New Age alguma assunção de tópicos cristãos, não desprovida de ambiguidades. Na verdade, afirma a presença divina no mundo, a vida como maturação espiritual, a unidade corpo – espírito...⁶. Mas, como sucedia com a antiga gnose, as mesmas palavras podem significar coisas bem distintas. O Autor não tem dificuldade em concluir: “A Nova Era é fundamentalmente gnóstica: é o conhecimento místico da realidade que nos salva; é panteísta [...]; está impregnada de mística natural [...]: vê espíritos em tudo e fala com as plantas como se fossem encarnações de *deusa*, de espíritos da terra”⁷.

A New Age seduz porque traduz... Traduz um sentimento difuso e um apelo à unidade das coisas que parecem demasiado distintas na respectiva apresentação moderna. Um pouco de religião – melhor diríamos religiões, sobretudo as estranhas -, um pouco de divulgação científica e paracientífica, psicológica e parapsicológica, um pouco mais de envolvimento ecológico, conforto anímico e relaxe geral. Um pouco de tudo e especialmente o tudo, mas pegado por qualquer das suas pontas, em momentos sucessivos e aparentemente díspares e até contraditórios. Neste preciso ponto, New Age e pós-modernidade entrelaçam-se perfeitamente, naquilo a que um dos teóricos desta última chamava “nuvens de valências pragmáticas” (Lyotard)⁸.

⁴ Cf. *ibidem*, p. 21-22: “Alguns temas e palavras-chave garantem a unidade destes conjuntos díspares [presentes na *New Age*]. Recordemo-los: - O primado da experiência pessoal e directa como critério de validação de um caminho espiritual que anda de mãos dadas com a aceitação tolerante da pluralidade das vias, nesta ideia universalista de que todas as religiões convergem para uma Unidade transcendente; - Uma visão holística das coisas, fundada na origem única da Energia que anima o conjunto dos fenómenos humanos e cósmicos e sobre a fé da correspondência entre as diferentes ordens do real; - o amor e a compaixão como fundamento do respeito pelos seres, num estado de espírito positivo e aberto que bane o medo; - A contestação dos ídolos da modernidade, da ditadura da razão e da técnica, do *establishment* e do ‘sistema’ em acção, uma atitude de contracultura fundada no primado já assinalado da transformação interior para a transformação da sociedade”.

⁵ Cf. *ibidem*, p. 104: “Reconhece-se aqui a sua factura gnóstica. Ela exprime-se entre os Filhos do Aquário através da procura de uma visão holística, unificadora das coisas e, particularmente, no domínio religioso pela busca da Unidade transcendente das religiões. De resto, têm tendência a reter das religiões históricas apenas o núcleo esotérico permanente que elas estão proibidas de desvendar. Negam em certa medida a história e recusam no espiritual todo o enraizamento temporal e institucional. Jesus de Nazaré não é Deus, mas uma das numerosas manifestações históricas do Cristo cósmico e universal”.

⁶ Cf. Aldo Natale Terrin – *Nova Era. A religiosidade do pós-moderno*. São Paulo: Edições Loyola, 1996, p. 40. : “Estão também presentes [na Nova Era] alguns grandes ideais fundamentais partilhados com o cristianismo: há a ideia do divino que está no mundo, embora num contexto nem sempre coerente com a fé cristã; há a concepção de que o homem caminha em direcção à maturidade espiritual, de que a matéria é animada pelo sopro do espírito, de que a harmonia entre corpo e espírito é o princípio de uma verdadeira realização do homem e para atingir o divino que está em nós”.

⁷ Cf. *ibidem*.

⁸ Cf. *ibidem*, p. 223: “... a Nova Era traz consigo o espírito de uma época, quase o *Zeitgeist* de um mundo futuro que não pretende entrar em confronto com um mundo religioso definido, mas traz consigo o desejo

:
Finalmente, uma Autora portuguesa que colaborou na elaboração do documento da Santa Sé atrás citado, já tivera ocasião de elucidar as principais diferenças entre o Cristianismo e a *New Age*. Elencava-as em cinco pontos: a não coincidência entre Deus criador e o mundo criado; a oração como diálogo do homem com Deus e não como monólogo com o “eu mais profundo”; a necessidade de salvação no encontro com Cristo, no qual Deus entra realmente na nossa história; o sentido que, à luz de Cristo, podem ter o sofrimento e a própria morte; a exigência da solidariedade concreta para a construção do mundo⁹.

de viver um outro sonho, no qual se possa reencontrar uma estilhada unidade utópica e quase impossível, que una corpo e espírito; Deus e mundo, teoria e práxis, mito e razão, vida e morte, religião e revelação, mundo daqui e mundo de além. Desse modo, desenvolve uma incrível ‘teologia da identidade’, sem a mínima preocupação teológica, mas somente em nome de ‘nuvens de valências pragmáticas’ [Lytard]. Os temas do xamanismo, da meditação, da terra mãe, do irracional, das técnicas psicossomáticas e do próprio Deus caminham todos eles nessa direcção. Reconhecido o fim da possibilidade de descrever o mundo a partir de um código dominante, tenta-se uma remitização ingénua do mundo com base na própria subjectividade, maximizando o ganho que se pode obter com a única intenção de seguir as próprias inclinações, reconhecendo a bondade do próprio instinto de salvação”.

⁹ Cf. Teresa Osório Gonçalves – *Uma chave para entender a ‘Nova Era’ (New Age)*. In *L’Osservatore Romano*, ed. port., 20 de Junho de 1998, p. 16-17: “Nela [New Age] encontramos algumas ideias centrais [...]: o cosmo é visto com um todo orgânico; é animado pela Energia, que coincide com o Espírito divino; crê-se na mediação de diversas entidades espirituais; crê-se na ascensão de seres humanos às altas esferas invisíveis e na capacidade de controlar a própria vida para além da morte; crê-se numa ‘sabedoria perene’ anterior e superior a todas as religiões e culturas; seguem-se os mestres iluminados.... [...] Partindo da fé cristã, quais são as principais diferenças a respeito da N.A.? 1. Antes de tudo nós cremos num Deus criador. Um Deus que cria livremente, por amor, e cria o homem livre. Deus não coincide com o mundo (panteísmo), nem o mundo saiu dele por emanção. [...] A alteridade preserva a dignidade pessoal e a liberdade do homem. 2. Na oração entramos em diálogo com este Deus. A oração não é a simples redescoberta do eu mais profundo, mas pressupõe o encontro de duas pessoas: é um pôr-se livremente em adoração, em acção de graças, em súplica. É um sintonizar-se com a vontade de Deus. 3. Nós temos necessidade da redenção de Cristo porque somos pecadores. [...] Nenhuma técnica de libertação, nenhum esforço de concentração pessoal, nenhuma sintonia de milhões de consciências pode salvar o homem. A nossa única via de salvação é Cristo, o Filho de Deus feito homem, que ‘entrou’ na história para nos salvar. 4. O sofrimento e a morte têm um significado. Os seguidores da N.A. não aceitam o sofrimento nem a morte. A redenção para eles vem de técnicas de expansão da consciência, de renascimento, de viagens até às portas da morte, obtêm-se também com qualquer método que ajude a relaxar-se para aumentar as energias vitais. Para os cristãos, ao contrário, o sofrimento vivido em união com Jesus crucificado, que na cruz revelou o Seu amor pelos homens, é fonte de salvação. Também a morte é um acontecimento único: não é um acesso a uma nova reencarnação a que se seguirão outras, mas a passagem obrigatória para entrar na vida eterna. 5. O mundo novo constrói-se com as obras do amor recíproco. A N.A. fala de mudar o mundo. [...] Mas bastará o pensamento para mudar o mundo? A via que nos foi proposta por Jesus Cristo é muito mais exigente e fascinante, é a do amor recíproco que se traduz em obras concretas e cria comunidades vivas que constroem um mundo novo”.